

VIRGENS SUICIDAS

Teatro x

JOHN ROMÃO

15-18 JAN 2020

QUA-SEX 21:00

SÁB 19:00

Grande Auditório

Duração 90 min

M/16



©Bruno Simão

“Saber estar é saber ocupar um lugar sem sentir medo.”

Num lugar indefinido, clínico e cínico, higienizado de afetos, que parece ser uma escola, mas também podia ser a ala psiquiátrica de um hospital, um sonho, um laboratório científico, ou mesmo um teatro, *Virgens Suicidas*, a partir de texto homônimo de Jeffrey Eugenides, adaptado para cinema em 1999 por Sofia Coppola, e da novela *Mine-Haha*, de Frank Wedekind, coloca-nos perante a crueldade da beleza e da perfeição, da passagem do tempo e do culto do corpo. As ações, neste espetáculo de John Romão, são simples: rituais e rotinas de formação de um conjunto de jovens por três mulheres belas que também foram jovens. A violência autoinfligida, contra o próprio corpo e contra a própria vida, é menor do que a violência mascarada de todos os projetos educativos que ignoram a singularidade do Eu e dos afetos humanos. Suicidar-se é, neste contexto, um ato de amor e de resistência e é, sobretudo, um ato de reconhecimento da própria existência. Um modo de nos assegurarmos que somos mais do que um sonho. À virgindade do corpo, que é aqui um mero sinal de distinção estética e física, não corresponde a virgindade da alma que, pelo contrário e sem que se aperceba, é vítima de estupro repetido e conduzida a uma anomia emocional, respondendo apenas à aspiração de ser a escolhida ou ser a favorita, e se revela episodicamente através de uma pulsão de morte e desejo. Ser escolhida para quê, porquê e por

quem, não se percebe exatamente. Porém, é fácil antecipar as possibilidades políticas de tais opções pedagógicas: as utopias, que transformam o ser humano em máquina, em obra de arte ou em não mais do que qualquer outro animal, não se esgotam em modelos fotográficos, pictóricos e em *selfies* de ginásio, que são apenas sonhos de uma juventude imaculada e eterna ou escondem existências de sofrimento autopunitivo ou infligido por outrem. Pelo contrário, antecipam a dureza metálica e bélica da ambição de uns poucos, alimentam a idiotia alucinada dos seus projetos educativos e científicos e justificam a eliminação de tudo o que é excecional ou diferente. A carne de um corpo, que é ossos, músculos e tendões, mais não é que o laboratório ostensivo do desejo e nostalgia alheios e a matéria disponível para atenuar a sua vulnerabilidade temporal. Fora desta existência em alvenaria de mármore e colchões amarrados por correntes é a selvajaria dos que amam, trabalham, sangram e procriam e não conseguem fazer a ponte ou a espargata.

E em todo o caso, é claro, há beleza, arquitetura, equilíbrio, erotismo e música em tudo isto, aspetos que John Romão observa para assinalar provavelmente a natureza autorreflexiva, e até comum ou quotidiana, da história que nos propõe.

David Antunes
Professor na Escola Superior de Teatro e Cinema

JOHN ROMÃO

Ator e encenador, tem desenvolvido um trabalho no campo das artes performativas e dos cruzamentos disciplinares. Estudou Teatro na Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC) e frequentou a pós-graduação em Curadoria de Arte na FCSH / Universidade Nova de Lisboa. Participou no curso internacional École des Maîtres, em 2005, dirigido por Rodrigo García.

Em teatro trabalhou com Tania Bruguera, Romeo Castellucci, Rodrigo García, Sílvia Costa, Tiago Rodrigues, Jorge Andrade, Jorge Silva Melo, Paulo Castro, Francisco Salgado, Miguel Loureiro, Jean-Paul Bucchieri, Maria João Machado, Marcos Barbosa, entre outros.

Dirige os seus espetáculos desde 2002: *Que difícil é ser um deus, Primeira imagem*, a partir da obra de Vito Acconci, *Náufrago* a partir de Thomas Bernhard, *O arco da histeria*, inspirado na escultura homónima de Louise Bourgeois, ou *Horror*, destaca-se o ciclo em torno de Pier Paolo Pasolini, onde se incluem a encenação de *Pocilga*, a criação *Teorema* e a performance *Pasolini is me*. Apresentou o seu trabalho em Portugal, Espanha, França, Itália, Alemanha, Noruega, Eslováquia, Brasil, Argentina e Austrália.

Entre 2006-2017 foi assistente de encenação do dramaturgo e encenador hispano-argentino Rodrigo García. Colaborou como assistente de Romeo Castellucci na Bienal de Teatro de Veneza, em *Attore, il tuo nome non è esatto*. Convidado por Castellucci para o representar como jovem encenador no Festival d'Avignon 2013, participou no projeto *Voyages du Kadmos*. Recebeu os prémios Novos 2014 – Teatro, Jovens Criadores Nacionais 2012 – Teatro, e Almada Terra das Artes e da Criatividade 2010 – Teatro. Tem lecionado práticas teatrais em instituições de ensino, tais como a Escola Superior de Teatro e Cinema e a Escola Superior de Dança. É o diretor artístico e programador da BoCA, bienal de artes contemporâneas que tem lugar em Lisboa e no Porto.

LUÍSA CRUZ

Licenciada pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Ao longo da sua carreira, recebeu vários prémios dos quais se destacam: Melhor Atriz pela revista O Actor e Atriz Revelação pelo Semanário Se7e (1989); Globos de Ouro 2005 para Melhor Atriz de Teatro; Prémio Bernardo Santareno para Melhor Atriz Teatro (2009); Globos de Ouro 2011 para Melhor Atriz de Teatro; Prémio SPA - Sociedade Portuguesa de Autores para Melhor Atriz de Teatro 2012; Coimbra Caminhos do Cinema Português para Melhor Atriz Secundária (2015) e CinEuphoria para Melhor Atriz Secundária (2016) pelo filme *As Mil e Uma Noites* de Miguel Gomes; Prémio Áquila para Melhor Atriz de Televisão (2018); Globos de Ouro 2019 para Melhor Atriz de Teatro.

MARIANA TENGNER BARROS

Coreógrafa, bailarina, performer. O seu trabalho tem sido apresentado em diversos países da Europa e América do Sul, salientando *The Trap* (vencedor do Prémio do Público Jardin D'Europe- Áustria, 2011), *A Power Ballad* (2013) e *Resurrection* (2017), cocriações com o coreógrafo Mark Tompkins, e *i4gods* (2017), uma performance contínua de cinco horas para museus em colaboração com o músico Pan.demi.CK. Colaborou com vários artistas em diferentes projetos enquanto bailarina, atriz e performer salientando Francisco Camacho, Meg Stuart, John Romão, Ballet Contemporâneo do Norte, Elizabetha Francisca, Nuno Miguel, António MV, Jonny Kadaver, Agnieszka Dmochowska, Raquel Castro, Retina Dance Company e Rafael Alvarez.

Licenciada em Dança pela Northern School of Contemporary Dance em Leeds (2003). Estagiou no Ballet Theatre em Munique (2004). Membro fundador do coletivo artístico The Resistance Movement, Leeds (2005). Completou o programa de Estudo e Criação Coreográfica-PEPCC no Fórum Dança em Lisboa (2009). Foi artista

associada da EIRA entre 2013 e 2016. É diretora artística d'A BELA Associação. Integra a banda Kundalini XS.

VERA MANTERO

Estudou dança clássica com Anna Mascolo e integrou o Ballet Gulbenkian entre 1984 e 1989. Tornou-se um dos nomes centrais da Nova Dança Portuguesa, tendo iniciado a sua carreira coreográfica em 1987 e mostrado o seu trabalho por toda a Europa, Argentina, Uruguai, Brasil, Canadá, Coreia do Sul, EUA e Singapura. Desde 2000 dedica-se também ao trabalho de voz, cantando repertório de vários autores e cocriando projetos de música experimental.

Em 1999, a Culturgest organizou uma retrospectiva do seu trabalho até à data, intitulada *Mês de Março, Mês de Vera*. Representou Portugal na 26.ª Bienal de São Paulo 2004, com *Comer o Coração*, criado em parceria com Rui Chafes. Em 2002, foi-lhe atribuído o Prémio Almada (IPAE/Ministério da Cultura) e, em 2009, o Prémio Gulbenkian Arte pela sua carreira como criadora e intérprete.



©Bruno Simão



©Bruno Simão



©Bruno Simão

With its precise and clinical language, composed of mysterious and erotic details, *Virgin Suicides* is inspired upon the text with the same name by Jeffrey Eugenides, adapt to cinema in 1999 by Sofia Coppola, and the novella *Mine-Haha* by Frank Wedekind. Performed by Luísa Cruz, Vera Mantero, Mariana Tengner Barros and young gymnasts, the show portrays the education of a group of adolescent girls dedicated to physical education, theatre and dance. They live in an apparently idyllic environment, although they lead a cloistered life with a rigid routine. There is something disturbing going on between the walls of this place: besides the fact that the girls are suffering a life of absolute isolation, disconnected from the rest of the world, their submission to a severe physical discipline arouses in each of them a state of exception and violent wishes for annihilation.

CONCEPÇÃO, DIREÇÃO, CENOGRAFIA

John Romão

TEXTOS

Mickael de Oliveira

COM

Luísa Cruz, Mariana Tengner Barros,

Vera Mantero e Carlos Lebre,

Catarina Bertrand Torres,

Céline Martins, Inês Azedo,

Inês Costa Graça, Maria Costa,

Marta Nunes, Margarida Caldeira,

Mariana Cardoso, Mafalda Rey

MÚSICA

Caterina Barbieri

DESENHO DE LUZ

Rui Monteiro

DESENHO DE SOM

João Neves

FIGURINOS

Carolina Queirós Machado

APOIO VOCAL

Nuno da Rocha

COREOGRAFIA

Colectiva

DANÇAS TRADICIONAIS

Marco Marques

ASSISTÊNCIA DE

ENCENAÇÃO, PRODUÇÃO

Solange Freitas

GESTÃO E PRODUÇÃO

Patrícia Soares / Produção d'Fusão

PRODUÇÃO

Colectivo 84

COPRODUÇÃO

Culturgest, Teatro Municipal do

Porto, Cine-Teatro Avenida (Castelo

Branco)

RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS

Estúdios Víctor Córdon,

O Espaço do Tempo, CAB - Centro

Coreográfico de Lisboa, Companhia

Olga Roriz, Companhia Clara

Andermatt, ProDança

O Colectivo 84 é uma estrutura

financiada pela República

Portuguesa – Cultura /

Direção-Geral das Artes.

Brevemente

TÂNIA CARVALHO

Dança x

ONIRONAUTA

30 JAN – 2 FEV

QUI-SEX 21:00

SÁB 19:00

DOM 17:00

Grande Auditório

Duração 60 min

M/6

MARIA REIS

Música x

CHOVE NA SALA, ÁGUA NOS OLHOS

12 FEV 2020

QUA 21:00

Grande Auditório

M/6

Culturgest